



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

Espaços de ensino musical na São Luís da segunda metade do século XIX.

João Costa Gouveia Neto
Professor da UEMA e Doutorando do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal do Pará
rairicneto@yahoo.com.br

Alexandre Guida Navarro
Professor do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Maranhão
altardesacrificios@yahoo.com.br

Cesar Augusto Castro
Professor da Universidade Federal do Maranhão e do
Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará
ccampin@terra.com.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo lançar olhares sobre os espaços de ensino da cidade de São Luís, capital da província do Maranhão, nos idos da segunda metade do século XIX, onde havia aulas de música. Para tanto, utilizamos como referencial teórico os estudos culturais relacionados à educação e que postulam que os espaços escolares podem ser vistos para além das questões disciplinares. Para nos aproximarmos dos espaços onde havia aulas de música, temos como fonte de pesquisa os jornais que circulavam na capital maranhense. A partir das notícias dos jornais, apresentamos os espaços onde o ensino de música estava presente e relacionamos esta presença aos ideais de civilidade e elegância almejados pelas elites ludovicenses.

Palavras-chave: Espaços de ensino musical. São Luís. Século XIX.

Spaces of musical education in the São Luís of the second half of the 19th century.

ABSTRACT

This work aims to study the teaching spaces of the city of São Luís, capital of the province of Maranhão, in the middle of the second half of the nineteenth century, where there were music classes. For such analysis, we use as theoretical reference the cultural studies related to Education and that postulate that the school spaces can be seen beyond the disciplinary questions. In order to get closer to the spaces where there were music classes, we have as research source the newspapers that circulated in the capital of Maranhão. From the news of the newspapers we present the spaces where the teaching of music was present and relate this presence to the ideals of civility and elegance sought by the Ludovicenses elites.

Keywords: Music Teaching Spaces. São Luís. 19th.



Introdução

Nos idos da segunda metade do século XIX, o Maranhão esteve sempre à espreita de alguma crise política, social ou mesmo econômica mundial que rendesse dividendos favoráveis à balança comercial da província. “A imensa maioria da população apegava-se à instituição da escravidão como um afogado a uma tábua de salvação. [...] (MÉRIAN, 1988, p. 152). Esses dois favores acompanharão o desenrolar de grande parte dos acontecimentos políticos, econômicos, sociais, religiosos e culturais da capital maranhense no período citado.

Assim, como se verificava em outras províncias do Império, as elites de São Luís também lutavam para se ajustar e fazer com que a população assimilasse e adequasse seus hábitos e práticas cotidianas aos ideais “vivenciados” e irradiados pela Europa, mais especificamente pela França, por ser considerada o modelo ideal de povo e cidade. E, no Brasil, o Rio de Janeiro, onde estava instalada a corte imperial, também era modelo a seguir do que já estava sendo aplicado aqui a partir das modas europeias.

Mas não eram somente os hábitos da população que não estavam de acordo com a implantação das ideias modernizadoras. A estrutura urbana da província, ainda muito precária, criava um ambiente propício para a proliferação de grande quantidade de epidemias que atacavam as pessoas e causavam alta mortandade, devido à falta de serviços públicos, como o necessário para o escoamento dos dejetos produzidos pelos habitantes da cidade, coleta de lixo, água tratada, iluminação etc., haja vista o enorme contraste entre “uma cidade pobre e de aparência humilde onde a sociedade copia os adornos de ‘cousas francesas’ e os requintes do luxo europeu” (Renault, 1976:134), mesmo estando ainda completamente imiscuída nos hábitos portugueses.

Os jornais divulgavam as últimas modas de Paris. Criavam desejos nos corações dos ludovicenses. Ensinavam palavras em francês para serem utilizadas no dia a dia durante as conversas. E como escreve Barbato (2014):

É inegável que os franceses deixaram suas marcas no Brasil do século XIX, mesmo não sendo a principal referência econômica, ou mesmo não enviando para essas terras um grande número de imigrantes capazes de mudar a cara do País, eles foram as principais referências culturais para o Império Brasil e mesmo em períodos avançados do Brasil republicano. Vestir-se à moda de Paris, viajar à França para complementar a formação intelectual, ou meramente consumir tudo o que vinha de lá tornaram-se imperativos, pelo menos para as classes mais abastadas do período, para que o desejo de civilização tão caro ao século XIX se mantivesse vivo. (BARBATO, 2014, p. 180)

Apesar de toda essa exposição que os ludovicenses também sofriam através da influência dos jornais, ao caminhar pela cidade, a realidade era muito diversa das novas configurações que Paris assumia com as mudanças implementadas por Haussman (Cf. BERMAN, 1997), enquanto “São Luís foi assumindo [...] a feição de uma cidade tipicamente portuguesa, em detrimento do padrão urbanístico que pretendia lhe impor um mundo em linha reta. [...]” (CORREIA, 2006, p. 24).

É importante salientar que a cidade de São Luís possuía a beleza das ruas do traçado português e os casarões que até hoje testificam sua beleza e singularidade típicas da ascendência lusitana. Apesar disso o modelo de cidade e de elegância com já pontuado acima, não é mais Lisboa ou Coimbra, mas sim Paris e seus bulevares enormes e ventilados.



Apesar dessas assertivas não tão atraentes, na década de 1870, de acordo com Prazeres (2012, p.4) “[...] São Luís foi a primeira capital do Norte¹ do país a contar com o serviço de transporte coletivo por bondes e na época foram recebidos com entusiasmo”. Prazeres (2012) cita ainda uma notícia no jornal O Domingo, na edição de 8 de setembro de 1872, que diz o seguinte: “Bem fez o sr. Estrella, o cysne maranhense, em cantar o progresso na sua lyra pródiga e reservada; bem fez o apologista, e bem faço eu, embora, pequenino, em louvar a boa vontade dos emprezarios. Bem ou mal, la estão os trilhos.” (PRAZERES, 2012, p. 4).

Assim, como a maioria das cidades do Império brasileiro no século XIX, São Luís conviverá com as contradições do ideal propagado pelos discursos dos jornais e as questões reais que impingiam à população vários percalços e descontentamentos ao longo das movimentações diárias pela capital maranhense.

Os estudos culturais

Para entender um pouco do rico painel social e cultural que era a sociedade ludovicense no idos do século XIX, mais precisamente entre 1850 e 1900, é necessário um passeio pelos vários espaços que tinham relação com as questões artísticas e musicais e que contribuíam para o desenvolvimento das representações e apropriações culturais (CHARTIER, 2002; PESAVENTO, 2003) aos moldes europeus que as elites da capital maranhense almejavam alcançar.

Dentre os espaços onde a música estava presente, a partir de uma perspectiva de ensino direta ou indireta, citamos o Teatro São Luís, os colégios particulares, o Liceu Maranhense, a Casa dos Educandos Artífices e o Colégio Rayol. Esses locais aparecem regularmente nos jornais da cidade de São Luís relacionados dentre outros assuntos aos musicais e seu ensino.

Para nos aproximar desses espaços e, em alguma medida, dos personagens sociais que os frequentavam utilizamos as perspectivas dos estudos culturais e que se relacionam com o campo da educação, da história, das artes, das literaturas, da musicologia, dentre outros. De acordo com Costa; Silveira; Sommer (2003) os estudos culturais não têm a pretensão de ser uma disciplina acadêmica nos moldes tradicionais, fechadas e estritamente definidas. “Ao contrário, o que os têm caracterizado é serem um conjunto de abordagens, problematizações e reflexões situadas na confluência de vários campos já estabelecidos, é buscarem inspiração em diferentes teorias, é romperem certas lógicas cristalizadas e hibridizarem concepções consagradas” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 40).

Ainda sobre as delimitações do campo de análise e abrangência dos estudos culturais escrevem Wortmann; Costa; Silveira (2015, p. 34):

Mas cabe salientar que é nessa busca pela focalização de questões mais amplas, que parecem residir as principais contribuições que a articulação entre Educação e EC tem possibilitado, na medida em que ela impede que se proceda a uma delimitação definitiva desse campo intermediário, múltiplo ou híbrido de estudos, ou mesmo que se busque centrá-lo obrigatoriamente em uma única e definitiva direção[...].

1 No século XIX a divisão regional ainda colocava o Maranhão como pertencente à região Norte do Brasil. (Cf. PRAZERES, 2012)



É em um dos percursos trilhados pelos estudos culturais no campo da educação no qual este artigo está embasado. Discussão que dá aos espaços escolares e seus personagens outras maneiras de marcar o compasso do tempo e da respiração, a partir da multiplicidade de olhares que entendem a educação em direções diversas das naturalizadas por outras correntes educacionais.

O objetivo não é discutir aqui abordagens relacionadas às questões disciplinares, isto é, as normas e objetos que orientam as vivências nos espaços educacionais, condicionando os corpos e as mentes de professores e alunos, propalados em grande medida como a maneira ideal e mais segura de análise. Em relação aos espaços onde há ensino musical a intenção é justamente pontuar que a educação tem a possibilidade de “mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele” (VEIGA-NETO, 2003, p. 13, apud OLIVEIRA, 2009, p. 36). A análise está centrada em uma das três vertentes de pesquisa no campo dos estudos culturais em educação apontadas por Oliveira (2009). A vertente que utilizamos é a que se “[...] concentra na desnaturalização de discursos que circulam no ambiente escolar, na descrição dos dispositivos disciplinares da escola e na análise do papel que desempenham no processo de subjetivação.” (OLIVEIRA, 2009, p.45). Nessa perspectiva algumas práticas e artefatos vistos como pedagógicos, sob o olhar dos estudos culturais “passam a ser caracterizados como políticos, inseridos em relações de poderes e na produção de saberes” (OLIVEIRA, 2009, p. 45,46). As demais vertentes discutem a pesquisa educacional que se dedica às pedagogias culturais e à questão da identidade (Cf. OLIVEIRA, 2009, p. 48 - 54).

Na esfera dos estudos culturais, o que está em jogo é a construção de novas identidades relacionadas às vivências musicais que estão sendo buscadas e assimiladas pelos habitantes da cidade de São Luís, nos idos da segunda metade do século XIX, na direção dos discursos produzidos pelos intelectuais que escreviam nos jornais que circulavam pela cidade e definiam qual tipo de sociabilidade esses homens e mulheres deveriam buscar.

Neste trabalho, essas articulações baseadas nos estudos culturais e suas relações com a cultura, estão relacionadas aos espaços onde havia ensino de música na capital maranhense. Dessa maneira, o espaço físico é, para o ser humano, um espaço apropriado, disposto e habitado. Neste sentido, o espaço é uma construção social e o espaço escolar, uma das modalidades de sua conversão em território e lugar. Viñao (2005, p.17) aponta duas perspectivas para o entendimento do espaço escolar, sendo a primeira como um lugar específico, com características determinadas, distribuição determinada do tempo. A segunda perspectiva tem a ver com a noção de território, pois “ao mesmo tempo, essa ocupação de espaço e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva - a de espaço - lugar - uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço - território.” (VIÑAO, 2005, p. 17).

O espaço escolar, enquanto espaço físico é um símbolo, disposto e habitado por docentes e discentes, que comunica e educa, além de ser apropriado para uma determinada época. O espaço escolar enquanto território condiciona e explica as relações com os espaços que estão ao seu redor; mostra as relações entre as zonas edificadas e não edificadas da escola, a sua distribuição e o seu uso; além da disposição interna das zonas edificadas.



Além de Viñao (2005) dialogamos com as ideias de De Certeau (2002) que distingue espaço e lugar. Para De Certeau (2002, p.201) “[...] Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. Quanto ao conceito de espaço, concordamos também com De Certeau (2002):

Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflitivos ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação [...]. Diversamente do lugar, não tem portanto nem univocidade nem a estabilidade de um “próprio” (DE CERTEAU, 2002, p. 202).

O dito autor completa dizendo que o espaço é um lugar praticado. Dessa forma os espaços onde há aulas de música são tratados e entendidos aqui em suas múltiplas subjetividades pensadas e praticadas, às vezes ditas, em outras não, mas com perspectivas diferentes das concentradas, reiteramos, nos mecanismos disciplinares que a escola adquiriu ao longo do tempo no ocidente. Disciplina aqui deve ser entendida como matéria da estrutura curricular de ensino, no caso a disciplina de ensino de teoria musical ou de um instrumento. O ensino de música na maioria dos espaços demonstrados a seguir, com exceção das cadeiras de música ministradas na Casa dos Educandos Artífices, que visavam, a priori, a profissionalização, as demais estão relacionadas ao padrão de civilidade e elegância almejado pela sociedade ludovicense e, por isso, o ensino que é adquirido, mesmo que de forma indireta, por exemplo, durante os espetáculos musicais dados no Teatro São Luís, são entendidos aqui como parte dessa construção social da importância desses espaços para o ensino de música na capital maranhense.

O Teatro São Luís

No ano de 1817 o Teatro da cidade, chamado de União, foi inaugurado. Apesar de não ter a suntuosidade em termos arquitetônicos e de embelezamento como outros teatros construídos posteriormente no Brasil, no decorrer dos anos passa por várias reformas que abrilhantam seu aspecto elegante. A construção do Teatro União foi uma iniciativa particular de dois empresários portugueses e em 1850 passa a fazer parte do acervo da província do Maranhão e recebe o nome de São Luís. Atualmente é denominado de Arthur Azevedo em homenagem ao teatrólogo maranhense que fundou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro (JANSEN, 1974, GOUVEIA NETO, 2010, 2018).

A indicação para construção de teatros no Brasil foi da Coroa Portuguesa ainda no tempo da colônia. Essa “necessidade” estava baseada nos novos ordenamentos sociais que as cidades deveriam ter seu teatro apresentada pelo marquês de Pombal, então primeiro ministro de D. José I, ao editar alvará aconselhando seus súditos a terem um estabelecimento desse tipo, como diz o decreto:

Por alvará de 17 de julho de 1771 aconselhou o governo da metrópole “o estabelecimento dos teatros públicos bem regulados, pois que deles resultava a todas as nações grande esplendor e utilidade, visto serem a escola, onde os povos aprendem as máximas sãs da política, da moral, do amor da pátria, do valor, do zelo e da fidelidade, com que devem ser aos soberanos” (MARQUES, 1970, p. 595 apud GOUVEIA NETO, 2010, 57).



É nessa casa de espetáculos elegantes que os maranhenses usufruíram das vivências musicais típicas da música romântica em vigor na Europa. Geralmente os espetáculos oferecidos ao público presente eram bastante diversificados e as programações bastante ecléticas, como escreve José Jansen (1974):

[...] Apresentava-se em uma só noite: o drama, a comédia séria ou brejeira, acompanhadas ou não de música e números de variedades; usava-se e abusava-se de recursos violentos, recorria-se aos grandes lances dramáticos que a cena comportasse como o punhal, “o veneno, o rapto de crianças, o falso testemunho, tudo em maquinações tenebrosas”. Matava-se e gritava-se, deixando o espectador em excitação e, não raro, em lágrimas levando-os muitas vezes até a tomarem atitudes agressivas contra o vilão da peça, na pessoa do artista. [...] A música, no caso, era um elemento suavizante e, portanto, de certo modo, explicava a predileção pelos vários gêneros, conjuntamente (JANSEN, 1974, p. 53).

Apesar de o decreto e da citação de Jansen (1974) não tratarem especificamente do ensino de música, entendemos, o Teatro e a presença dos maranhenses constantemente assistindo e usufruindo do gosto musical europeu, em voga naquele presente, como um importante contributo para o aprimoramento do conhecimento musical dos frequentadores desses espetáculos mesmo que de forma indireta. Além da questão dos espetáculos em si, ressaltamos que os professores de música que anunciavam seus préstimos nos jornais da cidade e ensinavam a dita arte nas escolas eram os mesmos que atuavam nos espetáculos teatrais. Os estudos culturais em educação afirmam que:

[...] através da análise da cultura de uma sociedade – as formas textuais e as práticas documentadas de uma cultura – é possível reconstituir o comportamento padronizado e as constelações de ideias compartilhadas pelos homens e mulheres que produzem e consomem os textos e as práticas culturais daquela sociedade. É uma perspectiva que enfatiza a “atividade humana”, a produção ativa da cultura, ao invés de seu consumo passivo” (Storey, 1997, p.46, apud ESCOSTEGUY [s. d.] grifo da autora.²

Assim, dentro dos estudos culturais articulados com a educação, é possível pensar no currículo cultural que diz respeito às representações de mundo, de sociedade, do eu, que a mídia e outras maquinarias produzem e colocam em circulação, isto é, “o conjunto de saberes, valores, formas de ver de conhecer que está sendo ensinado por elas. [...]” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 57).

Os colégios particulares

A importância dos colégios e dos professores particulares foi e são inegáveis na história da construção do ensino no Brasil ao longo da sua história e, principalmente, das questões políticas que envolviam e direcionavam quem tinha direito à educação formal e às luzes da cientificidade.

² Ao que parece este artigo é uma redução do artigo original intitulado Uma Introdução aos Estudos Culturais publicado na Revista Famecos, v. 5, n.9, 1998, pp. 87 -97. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/view/253/showToc>



No ano de 1885, em edição do jornal Pacotilha de 3 de janeiro, há a notícia de colégio que, além das matérias ligadas a ensinar a ler e a escrever, ministrava aulas de música:

Collegio de N. S. dos Remédios

Communicam as directoras deste collegio ás exmas. famílias que no dia 7 do corrente serão abertas as aulas, continuando este estabelecimento sob o mesmo regulamento dos annos passados, recebendo alumnas e alumnos internos, semi-internos e externos, não se admitindo meninos maiores de dez annos, nem menores de cinco, como preceituam os estatutos.

Constará o curso das seguintes matérias:

Instrucção primaria

Gramática portugueza, noções de arithmetica, calligraphia, moral e religião, costura chã, marcas, crochet. &

Instrucção secundaria

Grammatica geral e analyse dos clássicos francez, inglez, historia e geographia.

Bellas artes

Musica e piano, desenho, flores, bordados e trabalhos artísticos.

Serão as directoras auxiliadas pó distinctos professores.

O collegio funcionara n'um prédio, convenientemente arejado tendo excellentes salões para estudos, dormitório, refeitório, &, sito á rua de Sant'Anna, canto da 28 de julho.

Maranhão, 2 de janeiro de 1885.

D. Marianna P. Franco de Sá.

Além do colégio de Nossa Senhora dos Remédios existiam também os colégios de Santa Teresa, de Santana dirigido por D. Luna Freire, de Nossa Senhora da Soledade, sendo o primeiro a existir em São Luís e o mais importante durante muito tempo o de Nossa Senhora da Glória, fundado por Dona Martinha Abranches. A esse respeito escreve Abranches (2012, p.126) “Durante 20 anos até 1864, acentuou-me D. Emília Branco, mesmo depois da morte de minha Avó, o Colégio Nossa Senhora da Glória foi o único grande instituto de educação para meninas em S. Luiz.”. Ainda de acordo com Abranches (2012, p. 126) a partir de 1864 surgem o Colégio de Nossa Senhora de Nazaré, da educadora D. Rosa Nina e suas filhas e o das irmãs Carmini. O jornal A Imprensa na sua edição de 14 de agosto de 1861, citado por Mello (2004, p.66) publicou uma notícia sobre o Colégio das Abranches, como também era conhecido o colégio N. S. da Glória, convidando para exposição dos trabalhos de suas alunas:

As directoras avisam ao respeitável público que no dia 15 de agosto corrente terá lugar no seu colégio uma exposição – das 4 horas da tarde às 10 da noite, de todos os novos trabalhos elaborados pelas alunas do mesmo colégio; e terão ingresso todas as pessoas que se apresentarem decentemente vestidas.

As directoras – D. Amância Leonor de Castro Abranches e suas irmãs.



No tocante ao ensino de música em São Luís, não havia uma escola de música até a década de 1870. Apesar da importância que essa sociedade dava a essa arte, contraditoriamente, as aulas de música eram oferecidas em instituições não especializadas, como o Colégio N. S. dos Remédios, Colégio N. S. da Glória, o Liceu Maranhense e a Casa dos Educandos Artífices.

A Casa dos Educandos Artífices

A Casa dos Educandos Artífices, instituição criada pela Lei prov. n.º 105 de 23 de agosto de 1841, com o fim de “proporcionar a mocidade desvalida educação regular, torná-la moralizada, inspirar-lhe amor ao trabalho e dirigi-la de sorte que mais tarde concorresse para a felicidade e riqueza pública.” (MARQUES, 1970, p. 252, 253). Na Casa dos Educandos Artífices, além da aula de música, ofereciam também aula de escultura e desenho aplicado às artes, aula de francês e de geografia, aula de primeiras letras, etc.

Com a criação da Casa dos Educando Artífices “inaugura-se no Maranhão e educação profissional de caráter assistencialista” (CASTRO, 2007, p.181). Castro (2007) ratifica uma das questões centrais deste artigo que é o entendimento de que há tipos de educação que diferenciam as pessoas na sociedade aristocrática ludovicense do século XIX:

Com a instalação deste estabelecimento [Casa dos Educando Artífice] aprofundam-se as diferenças na educação, trazendo consigo uma bifurcação do ensino: o manual direcionando as massas populares a uma educação elementar que sustentasse o futuro emprego e o intelectual, objetivando formar a elite maranhense, cuja representatividade educacional centrava-se no Liceu, criado em 1838, acirrando-se, desta forma, a dicotomia entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. (CASTRO, 2007, p. 181-182)

Apesar da divisão proposta entre os tipos e níveis de educação que diferenciava a Casa dos Educandos Artífices do Liceu Maranhense, por exemplo, nos regulamentos da dita Casa as aulas de Música e Instrumentos Bélicos e a de Música e Instrumentos de Corda estavam arroladas na premiação dos educandos que acontecia anualmente, na modalidade de capacidade intelectual (CASTRO, 2007, p. 322), fato que corrobora na discussão teórica acerca do papel das aulas de música para além de simples questões disciplinares como geralmente lhe conferem alguns autores.

O Colégio Rayol

Na década de 1880, o jornal Pacotilha noticia, em 22 de janeiro de 1883, aula de Música ministrada por Antônio Rayol: “AULA DE MÚSICA dirigida por ANTONIO RAYOL Continua a funcionar nas segundas e sextas-feiras. 5\$000 reis mensaes, pagos adiantados. RUA GRANDE N. 94. Também copia-se toda e qualquer musica”.

No mesmo jornal em edição do dia 19 de janeiro de 1883, após as grandes calamidades causadas à população mais desprotegida economicamente de São Luís, principalmente por causa das epidemias de varíola, os alunos e as alunas das aulas de música do Tenor Maranhense (GOUVEIA NETO, 2012) contribuíram para ajudar no tratamento dos enfermos, sugerindo que



essas pessoas não pertencessem aos estratos desfavorecidos economicamente da população ludovicense, devido ao volume das doações, o que não exclui totalmente a possibilidade de terem alunos e alunas menos favorecidos e que talvez recebessem a proteção do professor. A notícia diz o seguinte:

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Relação nominal dos alunos da aula de música do professor Antonio Rayol que contribuirão espontaneamente com a quantia de 1]400 rs. para socorrer-se aos indigentes variolosos.

A. Raiol (professor da aula).....	2\$000
João G. da Silva.....	2\$000
Arthur B. Costa Ferr ^a	2\$000
Domingos Côco Ribeiro.....	1\$000
D.Deoclecia R. de Souza.....	1\$000
Agostinho Santos.....	1\$000
Carlos A. Pereira.....	500
C. Abreu.....	500
Thomé Lisboa.....	500
D.Anna L. F. Santos.....	300
Luiz Santos.....	200
Antonio M. Ferreira.....	200
Alfredo Ferreira.....	200
Desta quantia deu-se ao exm. sr. governador do Bispado.....	8\$400
E a commissão dos estudantes.....	3\$000

Maranhão, 17 de janeiro de 1883.

Apesar de ainda não termos encontrado a data de fundação do colégio de Antônio, as informações dadas pelos jornalistas sobre as viagens do Tenor Maranhense e a continuidade das aulas de música no dito estabelecimento, reforçam a tese de que o Diretor do Colégio era Antônio Rayol e não algum dos seus irmãos que também eram músicos. Talvez devido a uma viagem para Milão (Cf. GOUVEIA NETO, 2012) as aulas do colégio dirigidas pelo dito cantor tenham fechado, pois a partir o anúncio que segue há forte indício de que o dito estabelecimento já existia, por causa do verbo “reabrirá” usado na notícia publicada no Diário do Maranhão de 7 de dezembro de 1899: “COLLEGIO “RAYOL” Em 10 de janeiro do próximo anno, *reabrirá* este collegio as suas aulas nesta capital. Para qualquer informação tem pessoa habilitada a prestar, a rua do Trapiche n. 30.” (GOUVEIA NETO, 2012, p. 9)



As notícias apresentadas anteriormente possibilitam concluir que existiu em São Luís, ainda no século XIX, uma escola de música de iniciativa particular e que serviu para suprir essa necessidade de um lugar específico para o ensino da música, não à falta de pessoas habilitadas para ensinar, pois como já pontuado com auxílio das notícias publicadas pelos jornais, São Luís possuía professores de música competentes. Diante desse dado, a conclusão a que chegamos difere da historiadora Maria de Lourdes Lauande Lacroix em seu livro “A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos”, (2002, p. 61), no qual escreve “[...]o Maranhão careceu de uma Escola de Música por todo o século XIX, havendo aulas de determinados instrumentos em algumas escolas. Somente no início do século XX, Antônio Rayol fundou a primeira escola de música no Estado.”. Na verdade, o que aconteceu no início do século XX, após a morte de Antônio Rayol, foi a transformação do seu Colégio particular em Escola de Música Estadual por lei em 1904.

Considerações Finais

Ao retomarmos os escritos sobre os espaços mostrados nas fontes que registravam a existência de aulas de música em São Luís nos idos da segunda metade do século XIX, percebemos que ainda é necessário dedicar mais tempo ao estudo desses espaços a partir de outras perspectivas que tiram a centralidade das análises somente e, estritamente, relacionadas ao campo disciplinar das instituições que ofertavam aulas de música, diferente do que postulam as análises que têm como base os estudos culturais em educação.

Duas questões ficam claras ao analisarmos a escrita dos anúncios sobre a presença das aulas de música nas instituições de ensino da capital maranhense: as aulas de música sempre estão expressas como um diferencial daquele estabelecimento e as aulas de música, com exceção da Casa dos Educandos Artífices, como o próprio nome sugere, não estavam destinadas a formar músicos.

Essas conclusões direcionam, em vários casos, para caminhos diversos, a maneira como o ensino de música será abordado, mesmo considerando que tanto os que estavam na instituição que tinha como meta a profissionalização do aluno, quanto os que aprendiam para apresentarem uma música específica para seus pares. Ambos precisavam dar resultados àquela sociedade tão desejosa por civilizar-se e modernizar-se através da música estrangeira.

Para as discussões que temos empreendido sobre a importância dada pela sociedade etilista maranhense a respeito das vivências musicais essas questões são extremamente importantes, visto que, convergem na direção dos estudos relacionados às mudanças que estão ocorrendo na Europa sobre o papel social do músico e da música nesse período.

Finalmente, ressaltamos que a presença de aulas de música nas instituições escolares citadas e a existência do Colégio Rayol, mesmo de forma intermitente, indicam a importância que a sociedade ludovicense dava à música e às vivências musicais, como forma de inserir-se nos ditames dos modelos de cultura em voga na Europa.

Fontes

Diário do Maranhão 1899

Pacotilha 1883, 1885



Referências

- ABRANCHES, Dunshee. **O Cativoiro**. 3 ed. São Luís: AML, 2012.
- BARBATO, Luis Fernando Tosta. As novas ideias que vinham de Paris: a imprensa francesa no Brasil Oitocentista ea Revue des Deux Mondes. **MÉTIS: história & cultura** – v. 13, n. 25, 2014, pp. 179-197.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- CASTRO, Cesar Augusto. **Infância e trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa dos Educandos Artífices (1841 - 1889)**. São Luís: EdFUNC, 2007.
- CHARTIER, Roger. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: quem é essa mulher?** Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX. São Luís: EDUFMA, 2006.
- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, maio/jun/jul/ago, 2003, pp. 36 -61.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 8ª ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os estudos culturais**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf
- GOUVEIA NETO, João Costa. **Ao som de pianos, flautas e rabecas...** Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX. 158 p. (Dissertação) Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, 2010.
- _____,. A importância do jornal A Luta na construção da imagem musical de Antônio Rayol como o tenor maranhense na segunda metade do século XIX em São Luís. In: **Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural, Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar**. Teresina, PI: GT Nacional de História Cultural, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimpósio/anais/Joao%20Costa%20Gouveia%20Neto.pdf>
- _____,. **Ao som de pianos, flautas e rabecas...** Estudo das vivências musicais das elites na São Luís da segunda metade do século XIX. São Luís: EDUEMA, 2018.
- JANSEN, José. **Teatro no Maranhão**. Rio de Janeiro: [s.n], 1974.
- LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. 2.ed. São Luís: Lithograf, 2002.
- MARQUES, César Augusto. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. 3.ed. Rio de Janeiro: Cia Editora Fon-Fon e Seleta, 1970.
- MELLO, Luiz de. **Cronologia das Artes Plásticas no Maranhão**. São Luís: Lithograf, 2004.
- MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluísio Azevedo: vida e obra (1857 – 1913)**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.
- OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos de. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v.34, n.20, jan./abr.2009, pp.33-62.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.



PRAZERES, Maria das Graças do Nascimento. UMA RUA... UM ROMANCE... UMA CIDADE... História, literatura e modernidade em São Luís (MA) no romance Rua do Sol de Orígenes Lessa. In: **Anais do VI Simpósio Nacional de História Cultural, Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar**. Teresina, PI: GT Nacional de História Cultural, 2012. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Maria%20das%20Gracas%20do%20Nascimento%20Prazeres.pdf>

RENAULT, Delso. **Indústria, escravidão, sociedade**: uma pesquisa historiográfica do Rio de Janeiro no século XIX. Rio de Janeiro/Brasília: Civilização Brasileira/INL, 1976.

VIÑAO, Antonio. Espaços, usos e funções; a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTTA, Maucus Levy (org.). **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais no Brasil. In: **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 38, n. 1, jan. - abr, 2015, pp. 32 – 38.

Recebido em: 28/08/2019

Aceito em: 05/11/2019